



Tecnologias do corpo: metáforas da sutura e da cicatriz¹
Technologies of the body: metaphors of suture and scar

Aline Fernandes de Azevedo*

Resumo:

Este trabalho discute, a partir do referencial teórico da Análise de Discurso, o conceito de tecnologias do corpo. Nele, apresento ensaios teórico-analíticos como forma de dar corpo ao conceito, especialmente no caso das próteses e da medicalização. Considerando que as significações do corpo são decididas em um tenso e contraditório processo discursivo, mostraremos como as tecnologias corporais naturalizam sentidos que sustentam os ideais do pós-humanismo.

Palavras-chave: corpo; tecnologia corporal; ideologia; inconsciente.

Abstract:

This paper discusses, from the theoretical reference of discourse analysis, the concept of technologies of the body. In Him, I present theoretical and analytical essays as a way to give body to the concept, especially in the case of prostheses and medicalization. Considering that the meanings of the body are decided in a tense and contradictory discursive process, we show how technology naturalize senses that sustain the ideals of post-humanism.

Keywords: body, body technology, ideology, unconscious.

¹ Este texto integra, com algumas modificações, a tese de doutorado “Cartografias do corpo: metáforas contemporâneas da sutura e da cicatriz”, defendida em 2013 no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, sob a orientação da prof.^a. Dr.^a Eni P. Orlandi.

* Doutora em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: azevedo.aline@gmail.com

Introdução

O cenário atual, especialmente a crescente sofisticação tecnológica, impõe como importante desafio a proposta de redefinição dos sentidos do que é ser humano no século XXI. Na tentativa de deslocar certos saberes sobre o corpo, inscrevemos este estudo em um posicionamento linguístico-discursivo, em uma perspectiva que leva em conta a história e o sujeito, procurando teorizar o corpo como objeto ideológico atravessado pela ideologia e pelo inconsciente.

Tendo em vista a relação que se estabelece entre corpo, tecnologia e conhecimento nas condições sociais atuais, procuramos neste estudo compreender o corpo como objeto simbólico e político, privilegiando para tanto o referencial teórico da Análise de Discurso (PÊCHEUX, 2009). A partir desse lugar teórico-analítico, tentaremos tecer o conceito de tecnologias corporais, levando necessariamente em conta a contradição e a incompletude.

As análises aqui apresentadas permitem compreender que, na relação de sentidos que se constitui entre corpo e tecnologia, há a inscrição em dois movimentos tensos, contraditórios e não excludentes: a sutura e a cicatriz. Ou seja, nessa nossa leitura, a interpelação do sujeito pela tecnologia faz ver que, no desejo de obturar a falta de sua constituição subjetiva, os sujeitos tecem para si sentidos que se marcam em seus corpos, movimentando-se entre suturas e cicatrizes.

Nas análises, consideramos que tanto as próteses anexadas ao corpo quanto a medicalização – como prótese de sentido – são formas desse movimento, no qual há a produção de efeitos de sentido de perfeição ancorado em uma intensificação do potencial do corpo humano através da tecnologia. Em outras palavras, trata-se de compreender as próteses físico-químicas como tecnologias corporais capazes de atribuir um poder ao corpo, constituindo-o como um objeto simbólico e político.

1. Tecnologias corporais

O francês Marcel Mauss foi o primeiro a tratar das técnicas corporais em uma conferência na Sociedade de Psicologia de Paris, em 1934. Para o antropólogo, as técnicas corporais são os modos como os homens sabem servir-se de seus corpos, através de práticas pedagógicas que são sociais, culturais e históricas. Toda atitude corporal, diz o autor, é lentamente aprendida e cada sociedade tem hábitos que lhe são

próprios, que podem ser cultivados ou transformados historicamente. As técnicas esportivas como a natação ou a corrida, bem como a marcha característica dos exércitos foram trazidas à baila pelo antropólogo a fim de definir o conceito de técnicas corporais, que são práticas coletivas e individuais, tecidas como “*habitus*” que variam de sociedade para sociedade, e que tem relação com as formas de educação, a moda e as conveniências e prestígios sociais.

A educação e a imitação são indicadas por Mauss como modos de adestrar o corpo, constituindo técnicas corporais. Nas sociedades ditas “primitivas”, essas técnicas são produzidas também por força da moral, da mágica e da crença, formuladas em certos rituais ou cerimônias que colocam em relação o corpo biológico, as palavras e um objeto mágico: “Chamo técnica um ato tradicional eficaz (e vejam que, nisto, não difere do ato mágico, religioso, simbólico).” (MAUSS, 1974, p.217). Tradicional porque necessita ser “transmitido” entre as gerações através da tradição.

“O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou mais exatamente, sem falar em instrumento, o primeiro e mais natural objeto técnico e ao mesmo tempo meio técnico do homem é seu corpo” (idem). Há, ainda segundo Mauss, princípios de classificação das técnicas corporais, que se dividem e variam por sexo e idade, e que podem ser numeradas de acordo com a relação que estabelecem com a educação e o aprendizado: são técnicas do nascimento e da obstetrícia, técnicas da infância (relacionadas à criação e alimentação da criança), técnicas da adolescência e as da idade adulta. Dentre essas últimas, o autor vai elencar desde técnicas do sono, de vigília ou repouso, a técnicas de atividade ou movimentação, passando pelas técnicas de cuidados corporais como a lavagem ou os cuidados bucais, pelas técnicas de consumo, como comer e beber, e pelas técnicas de reprodução, que abarcam as posições sexuais, beijos, etc.

Todas essas técnicas consistem na adaptação do corpo, pela educação, com o fim de empregá-las. São técnicas corporais cotidianas, meios ou modos de produzir algo a partir do uso do corpo.

A partir das formulações de Mauss, é possível pensar nas técnicas do corpo que se produzem na contemporaneidade, em que há, sobretudo, uma complexidade com relação ao uso que se faz do corpo em uma sociedade de mercado amplamente tecnologizada. Por exemplo, a corrida como técnica corporal relacionada ao esporte, em sua configuração atual, não escapa a um conjunto de preceitos relacionados ao vestuário, calçados de alto desempenho, suplementação alimentar, etc. Há, por assim

dizer, um discurso dominante em circulação que prescreve a tecnologia como condição da própria técnica esportiva, e que sobre determina também os saberes e conhecimentos produzidos sobre ela.

É por isso que, no deslizamento da técnica para tecnologia, nessa nossa formulação do conceito de tecnologias corporais, há uma especificidade com relação à sobredeterminação do corpo pela tecnologia, ou seja, aos sentidos do corpo produzidos a partir das tecnologias e do desenvolvimento tecnológico. Essa sobredeterminação também tem relação com o modo espetacularizado que as mídias eletrônicas e a internet produzem significações para os corpos dos sujeitos. Há a naturalização de certas práticas corporais contemporâneas, práticas atreladas à tecnologia midiática e eletrônica, ou seja, à publicização e espetacularização da corporalidade, bem como à quantidade estruturante dessas relações de sentido (ORLANDI, 2001).

Deste modo, entendemos que as tecnologias corporais, assim formuladas, não são apenas extensões do corpo humano como desejou McLuhan (1964), mas estão relacionadas ao político, à produção de sentidos. Isso implica considerar o simbólico e o imaginário, ou seja, não se trata de um tipo de técnica de manipulação do corpo que, em larga medida, se circunscreve ao instrumental. Mas de pensá-las com relação à ideologia e ao inconsciente, enquanto práticas que se inscrevem em determinada formação discursiva e colocam como fundamental a relação com a falta e com o excesso, fazendo ver o conceito de tecnologia corporal no movimento entre sutura e cicatriz, como demonstraremos a seguir.

2. Sutura e cicatriz

No que concerne à Análise de Discurso, o processo discursivo é compreendido como constituído na/pela tensão entre paráfrase e polissemia, o mesmo e o diferente (ORLANDI, 1999). Tendo em vista esse processo, uma especificidade das tecnologias corporais reside no fato delas serem afetadas por práticas, por rituais do corpo, e pela memória do olhar.

O olhar é, pois, um gesto de interpretação que atribui significações a partir da relação espectral entre a instância ideológica e a produção de sentidos. Segundo Pêcheux (1990, p.8), o funcionamento da memória se inscreve entre “o visível e o invisível, entre o existente e o alhures, o não-realizado ou o impossível, entre o presente e as diferentes formas de ausência”. O que é visível se formula por meio de uma rede

parafrástica, ou seja, um conjunto de imagens que se repetem, uma regularidade que estabiliza as significações em torno de um objeto simbólico.

Entretanto, é na ordem do invisível de uma rede interdiscursiva que os sentidos se constituem, tomam corpo, a partir de um complexo extralinguístico que comporta um conjunto de imagens esquecidas, apagadas ou negadas. A “eficácia omni-histórica da ideologia”, diz Pêcheux (1990, p.8), consiste em sua “tendência incontornável a representar as origens e os fins últimos, o alhures, o além, o invisível”.

Na aproximação das palavras de Pêcheux com o conceito de tecnologia corporal, diremos que a relação contraditória e tensa do movimento entre sutura e cicatriz é uma relação fundamental ao engendramento do sentido, em que o invisível é aí imediatamente colocado. Daí, convém afirmar que, devido ao atravessamento da ideologia e do inconsciente, a cicatriz que se formula a partir das práticas corporais comporta sempre algo para além do visível do processo parafrástico, ou seja, a produção de sentidos para os corpos será sempre inevitavelmente afetada pelo invisível.

Nesse sentido, o conceito de tecnologias corporais consiste na compreensão da forma com que a ideologia dominante de nossa formação sócio-histórica conduz nossa relação com o invisível, e essa administração torna-se visível nas próteses e na identificação do sujeito com esse Outro, a Tecnologia, comandando as relações de sentido. Nessa direção, é possível afirmar que o conceito de tecnologia corporal abarca o universalismo da tecnologia se inscrevendo insidiosamente no corpo, pelo movimento do desejo, procurando suturar as brechas ao mesmo tempo em que produz cicatrizes.

Ainda, esse processo de sutura/cicatriz não é apenas da ordem da ideologia, mas do inconsciente. Como bem colocou Pêcheux, Ideologia e Inconsciente estão materialmente ligados, embora não se confundam. O que a teoria Freudiana vai nos ensinar, relativo ao inconsciente, é que os pensamentos inconscientes se revelam como aquilo que se mostra em ausência, como nos sonhos. Ou ainda, conforme Lacan (1998), o inconsciente se funda na hiância, na falha onde o recalado se releva, no capítulo vazio e censurado de nossa história. O inconsciente, estruturado como linguagem, se instala no lugar do vazio do sentido, produzindo respostas à ferida narcísica. E como a hiância é o lugar do não realizado, do impossível, lugar de polissemia, o movimento de tensão entre tamponar/obliterar a falta e fazer cicatriz se mostra no jogo entre visível e invisível.

3. O corpo-máquina ou a sobredeterminação do corpo pela tecnologia

Na atualidade, a tecnologia está inscrita na formulação e circulação de uma discursividade cujos argumentos vão sustentar a ideia de uma nova antropomorfia do corpo humano, principalmente frente à crescente intervenção da tecnologia no corpo ou para dizer de outro modo, frente à incorporação do aparato tecnológico, seja anexado à estrutura superficial (as próteses), seja alocado internamente (os implantes), aparatos que dão forma a esse corpo híbrido entre o orgânico e a máquina.

Essa analogia do biológico com o cibernético, que deu origem ao *ciborg*, tem fundamentado o postulado de que estamos imersos na era pós-biológica, possibilitando a articulação do conceito de pós-humano. O neologismo ciborg foi criado em 1960 por Manfred E. Clynes e Nathan S. Kline numa tentativa de designar os sistemas homem-máquina auto-regulativos. Mais tarde, o termo foi apropriado pela feminista Donna Haraway (1985), que escreveu o Manifesto Ciborg. Nele, uma suposta nova era povoada de seres híbridos sintetiza a tentativa incessante de controle da natureza, da vida e da morte: nela a tecnologia define a maneira como a sociedade é organizada e a forma de construção dos laços sociais, incorrendo em modificações sensíveis nos modos de dizer e de significar o próprio corpo. Observemos o recorte:

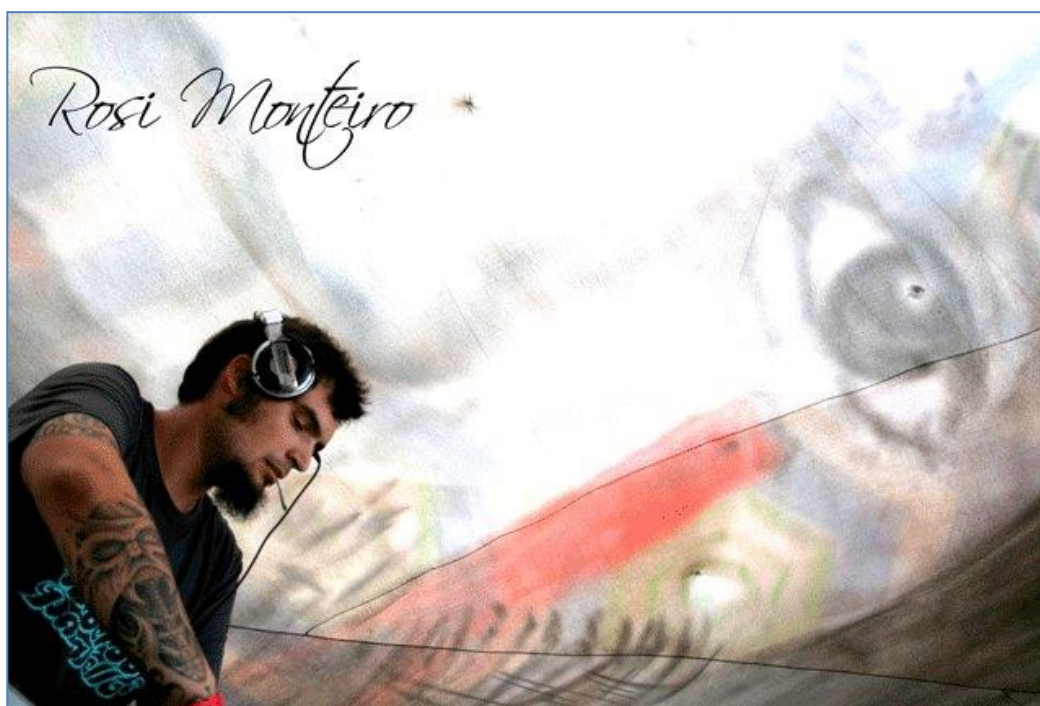


Figura 1 - Palco principal festival de música eletrônica Universo Paralello

Fonte: *Facebook* da fotógrafa Rosi Monteiro

Na imagem acima, recortada do site de relacionamentos *Facebook*, a corporalidade aparece sendo significada pela tecnologia, ou seja, o aparato tecnológico

fica marcado, no intradiscurso, como um elemento do interdiscurso que instaura um efeito de pré-construído, uma vez que ele é dado como um saber anterior e que existe independentemente. Esse funcionamento instaura, pelo jogo imaginário, um efeito de verdade universal (todos sabem que...). Na discursividade analisada, o fone do *DJ* cria um espaço de potencialização para o corpo, fazendo da tecnologia um elemento de constituição fundamental para a significação do corpo, uma vez que é em torno dela que o sujeito é interpelado.

A constituição do sujeito como unidade (imaginária), sua interpelação ideológica, acontece por meio de sua identificação com os elementos do interdiscurso, dos quais a tecnologia funciona como pura evidência. Isso quer dizer que o sujeito se identifica com os sentidos da tecnologia construídos nesse funcionamento discursivo, marcando seu lugar (posição) nessa formação discursiva que, não obstante, é heterogênea.

Assim, na fotografia o fone do *DJ* marca a prótese anexada ao corpo híbrido e repleto de signos, e coloca a questão da *tecnologização do corpo*, a analogia ao corpo-máquina. Esse é um primeiro ponto que convém enfatizar: os modos como a tecnologia, pensada enquanto mecanismo de individuação, sobredetermina os espaços e os sujeitos. Há um “movimento de tecnologização da vida” (DIAS, 2012) que não pode, entretanto, ser reduzido a uma apropriação da tecnologia, mas como mecanismo de constituição que incorre em modos específicos de individuação e de identificação (ORLANDI, 2012).

4. O pós-humanismo

Em decorrência das possibilidades que as tecnologias incorporadas ou acopladas ao corpo instauram, surge o conceito de pós-humano: um novo humanismo que se efetiva a partir do ideal de transparência do corpo e da sociedade, e que ocupa a imaginação profícua dos artistas e a mente dos teóricos dispostos a significar o corpo pela possibilidade da imortalidade.

Segundo Santaella (2003), a convicção de que o humano está imerso em uma era pós-biológica ou pós-humana nasceu junto com o corpo biocibernético, um híbrido entre o orgânico e a máquina cuja forma já se delineava em “Cibernética ou controle e comunicação no animal e na máquina”, no qual Norbert Wiener (1948) apresenta a história dos autômatos no Ocidente. A contemporaneidade é a era da comunicação e do controle, antecipa Wiener, na qual há uma mudança de uma economia da energia para

uma economia centrada na reprodução de sinais, o que possibilita um modelo do corpo como sistema eletrônico. “A cibernética propunha que o corpo e também a mente fossem concebidos como uma rede comunicacional” (SANTAELLA, 2003, p.182).

A cibernética inaugura, dessa forma, a possibilidade de significar a vida como uma questão de *hardware*, ou para dizer de outra forma, de pensar o corpo biocibernético a partir da teoria da comunicação: conceitos como *feedback*, mensagem e ruído passam a produzir sentidos também para o corpo humano. O modelo proposto por Wiener possibilitará outras ideias, como o *ciborg* de Donna Haraway (1985), por exemplo, que segundo Santaella (2003) transgredia as fronteiras que separavam o natural do artificial, o orgânico do inorgânico, questionando os dualismos:

Ciborgs têm aparecido repetidamente nos filmes de ficção científica dos últimos trinta anos. A maior parte desses filmes concebe o *ciborg* como composto de partes orgânicas e próteses máqunicas. Uma prótese é a parte *ciber* do corpo. Ela é sempre uma parte, um suplemento, uma parte artificial que suplementa alguma deficiência ou fragilidade do orgânico ou que aumenta o poder artificial do corpo (SANTAELLA, 2003, p.187).

Essa é uma discursividade que significa o corpo humano através do funcionamento da metonímia: a parte pelo todo. É a máquina que sobredetermina o sentido do corpo, em detrimento do orgânico que é silenciado. A consequência é a negação ou apagamento da fragilidade humana e a potencialização do corpo para além do biológico. Assim, longe da encarnação de um futuro aberto à ambiguidade e à diferença, o corpo significado pela máquina silencia a imperfeição, reduz a falha a um erro de cálculo e a corporalidade à matéria numérica. É o silício que se projeta sobre o corpo, silenciando a precariedade da carne como condição de nossa humanidade.

5. Os *ciberpunks*

Dentre as formulações que afirmam as formas de existência pós-corporais, talvez seja a novela *Neuromancer*, de William Gibson (1984), a voz de maior dissidência no coro que conclama a deificação do corpo-máquina. Sem negar a potencialidade da tecnologia, *Neuromancer* mostra as contradições que emergem nos guetos ameaçadores e marginais da cibercidade. Ele antecipa os problemas sociais da sociedade da informação e seus corpos digitalizados e numéricos sujeitados à segregação.

Neuromancer marca a passagem do *ciborg* híbrido que se constituía entre a máquina e a carne, para um corpo como pura simulação digital. Trata-se de um clássico

da literatura *ciberpunk* que, segundo Santaella (2003, p.189), tem por mote a “alienação do corpo carnal em constructos informáticos”. Ele inaugura o corpo como pura simulação, possibilitando as ideias que levarão à imersão por conexão, ou seja, o corpo plugado, os avatares, a imersão híbrida e as telepresenças em ambientes virtuais (SANTAELLA, 2003, p.202-204). Ainda, a *Night City* de Gibson impingia a ideia de que as tecnologias em expansão necessitavam de “zonas fora da lei”, campos de atuação, deliberadamente “não supervisionado”, denunciando outra face da tecnologia repleta de criminalidade e violência.

Assim, se o *ciborg* de Haraway significa a tecnologia enquanto extensão do corpo humano e produz, pelo funcionamento da metonímia sua sobredeterminação pela tecnologia, a simulação e digitalização do corpo possibilitam sua exteriorização em relação a ele mesmo. Cabem aqui os questionamentos de Dias (2011, p.62): “Estariamos nós produzindo um corpo exterior a si mesmo, mas sem exterioridade? (...) Um corpo cada vez mais próximo da supermáquina e cada vez mais distante do super-homem nietzscheano?”.

Sobre essa questão, Dias (2011) afirma que a medicalização/tecnologização extrema do corpo o impede de funcionar sob a imprevisibilidade do aleatório, instrumentalizando-o para que se cumpram certos objetivos relacionados à perfeição e à saúde, negando a falha, a fragilidade, a doença e a morte. A autora delata, pois, os ideais utópicos do pós-humanismo traduzidos no desejo humano de transcender a natureza e tomar as rédeas da criação da vida. Nesse desejo de imortalidade, afirma Dias (2011), inscreve-se a crença da tecnologia como possibilidade de “superar” a morte do corpo e a finitude de tempo. Em consequência, observa-se o aumento da responsabilidade do sujeito em face de seu próprio corpo, assegurando a gestão corporal da realização do projeto utópico do pós-humanismo.

6. A medicalização como prótese de sentido

A partir do século XVIII, uma espécie de “ortopedia social” foi responsável, segundo Foucault (1988), por modelar cada indivíduo através de estratégias e práticas, não apenas redomesticar e vigiar seus corpos, mas gerir as populações através de uma “biopolítica”. É no corpo, diz o filósofo, que o poder se mostra insidiosamente, marca-se através de dispositivos e práticas.

Pensando corpos sujeitados pelo poder, Foucault mostra que século XIX foi caracterizado tanto pela crescente intervenção do Estado sobre a disciplinarização dos

corpos, quanto pelos imperativos da medicina das populações que, a partir dos modelos epidemiológicos, procedem no ideal de eugenia, da “higiene social” e da “profilaxia moral”, originando práticas cada vez mais invasivas de medicalização do corpo humano.

O uso de medicamentos não é estranho à vida contemporânea. Muito pelo contrário, há atualmente um movimento de generalização e normalização do uso de diversas drogas capazes de alterar estados físicos e mentais, sejam elas antidepressivos, ansiolíticos ou analgésicos. A face perversa e obscura do pós-humanismo se mostra de forma acintosa na disseminação desses bio-poderes, especialmente no caso da medicalização e da forma como essas práticas transformam o corpo em lugar privilegiado de exercício de poderes específicos, que hoje administram o mal-estar social, propiciando o desenvolvimento da cultura (e da indústria) do bem-estar.

Assim, consideramos que a abrangência dos bio-poderes incide em uma constante e crescente medicalização pela droga como estratégia de anestesia do corpo social (MARIANI, 2011). A medicalização do corpo, assim pensada, pode ser compreendida como uma forma de metáforização da dor que enfraquece os laços sociais ao produzir sujeitos anestesiados. Trata-se, desta forma, de uma tecnologia de administração corporal que integra uma prática de denegação da dor, um ritual do corpo no qual o movimento de tapar a falta constitutiva de nossa subjetividade acaba por expô-la. Há, por assim dizer, a inscrição em um saber sobre o corpo centrado na gestão do sofrimento, saber constituído historicamente através dos mecanismos responsáveis por administrar a corporalidade. E há, ainda, a inscrição em saber que reafirma o equilíbrio e a perfeição física e psíquica como ideal de corporalidade, constituindo sentidos para o corpo humano em nossa formação social, sentidos nos quais há, sobretudo, uma sobredeterminação do humano pela máquina, isto é, sentidos nos quais a precariedade da carne é subsumida em favor da perfeição maquínica.

Considerações finais

Este estudo procurou mostrar que as tecnologias corporais integram dispositivos de gestão-controle administrativos que, conforme Pêcheux (2011), constituem um espaço de tomada de posição política, ideológica e teórica, cujas significações insistem em negar a fragilidade do corpo humano, sem compreender que silenciar a falha e a imperfeição é criar um corpo sem exterioridade, é desconhecer a existência das relações ideológicas que mediam nossa relação com nosso próprio corpo, é denegar o vínculo entre ideologia, desejo de saber e desejo do sujeito (PÊCHEUX, 2011, p.70-71). Neste

corpo perfeito e protegido da dor, construído sobretudo pela tecnociência, que lugar haveria para a inteligência humana, já que, conforme Pêcheux (2011, p.70), “ela se origina na incontornável ambiguidade das línguas naturais, nos limites da transparência de todo pensamento, no surgimento do imprevisível e do não-reprodutível?”

As identificações que se produzem a partir das tecnologias corporais dão a ver o discurso da tecnologia como discurso fundador (ORLANDI, 1993), uma vez que naturalizam certos sentidos para os corpos, determinando-os a partir das tecnologias. Ou seja, a tecnologia estabelece o modo como se forma e se estabiliza, na memória, os referenciais imaginários que constituem os sentidos para os corpos na contemporaneidade. Abarcar as tecnologias corporais, tal como propomos, possibilita compreender a formação dos sentidos daquilo que constitui a historicidade do corpo, ou seja, a forma como, historicamente, as práticas corporais se formulam a partir de certas técnicas, constituindo e cristalizando saberes sobre o corpo humano.

Referências Bibliográficas

- DIAS, Cristiane. 2011. *Cidade, Cultura e Corpo: a velocidade do mundo*. Campinas (São Paulo): Labeurb/Nudecri.
- DIAS, Cristiane. 2012. *Sujeito, sociedade e tecnologia: a discursividade da rede (de sentidos)*. São Paulo: Hucitec. 210 p.
- FOUCAULT, Michel. 1988. *História da sexualidade I. Vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- GIBSON, Wilian. 1984. *Neuromancer*. London: Harpher Collins.
- HARAWAY, Donna. 2000. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no fim do século XX. In: SILVA, Thomaz Tadeu da. *Antropologia do ciborgue*. Belo Horizonte: Autêntica. p. 37-130.
- LACAN, Jaques. 1998. *O seminário - livro 11: quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.
- McLuhan, Marshall. 1964. *Understanding Media: The Extensions of Man*. New York: McGraw Hill, 1964.
- MARIANI, Bethania. Discursos anestesiados. 2011. In: GRIGOLETTO, Evandra; NARDI, Fabiele Stockmans De; SCHONS, Carme Regina. *Discursos em Rede: Práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividade no ciberespaço*. Recife: Editora Universitária UFPE.
- MAUSS, Marcel. [1934] 1974. Técnicas corporais. IN: *Sociologia e Antropologia*. Volume II, São Paulo: EPU/EDUSP.
- ORLANDI, Eni P. 1993. *Discurso fundador*. Campinas (São Paulo): Pontes.

_____. 1999. *Discurso e leitura*. 5. ed. São Paulo/Campinas: Cortez/Editora da Unicamp.

_____. 2012. *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia*. Campinas (São Paulo): Pontes. 239 p.

PÊCHEUX, Michel. 2011. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Campinas (São Paulo): Pontes. 315 p.

_____. 2009. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Campinas (São Paulo): Pontes.

_____. *Delimitações, inversões, deslocamentos*. In: *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas (São Paulo), n. 19, p.7-24, jul. 1990.

SANTAELLA, Lucia. 2003. *Culturas e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus.

Data de Recebimento: 01/04/2011

Data de Aprovação: 29/05/2013

Para citar essa obra:

DE AZEVEDO, Aline Fernandes. Tecnologias do corpo: metáforas da sutura e da cicatriz. RUA [online]. 2013, no. 19. Volume 2 - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Capa: *USB Finger*. Disponível em: <http://www.yankodesign.com/2009/03/06/finally-a-usb-body-implant-for-hardcore-transfer/>

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
<http://www.labeurb.unicamp.br/>
Endereço:
LABEURB - LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS
UNICAMP/COEN / NUDECRI
CAIXA POSTAL 6166
Campinas/SP – Brasil
CEP 13083-892
Fone/ Fax: (19) 3521-7900
Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>